

O
DESAFIO
DE
ROMA

Porque
Guardam
Os Protestantes
O Domingo

O Desafio de Roma

Porque Guardam os Protestantes o Domingo?

Em 24 de Fevereiro de 1893, a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia adotou certas resoluções recorrendo junto do governo e do povo dos Estados Unidos da América da decisão do Supremo Tribunal declarando os Estados Unidos como nação cristã e da ação do Congresso ao legislar sobre questões religiosas, protestando contra o princípio e contra as consequências do mesmo. Em Março de 1893, a Associação Internacional para a Liberdade Religiosa publicou estas resoluções num panfleto intitulado *Apelo e Protesto*. Ao receber um destes panfletos, o editor do jornal *Catholic Mirror* de Baltimore, Maryland, publicou uma série de quatro editoriais, que apareceram no seu jornal em 2, 9, 16 e 23 de Setembro de 1893. O *Catholic Mirror* era o órgão oficial do cardeal Gibbons e do Papado nos Estados Unidos da América. Estes artigos, por conseguinte, embora não tivessem sido escritos pela própria mão do Cardeal, apareceram sob a sua sanção oficial, e, como a expressão do Papado sobre este tema, são o desafio aberto do Papado ao Protestantismo, e o pedido do Papado para que os Protestantes lhe deem uma resposta sobre a razão por que guardam o Domingo e também de como o guardam.

O texto seguinte (exceto todas as notas de rodapé, a nota do editor, entre parêntesis, que começa na página 25 e termina na página 27 e os dois apêndices) é uma reimpressão textual desses editoriais, incluindo o título da página 2.

O Sábado Cristão (Domingo)

O FILHO GENUÍNO DA UNIÃO DO ESPÍRITO SANTO
COM A IGREJA CATÓLICA, SUA ESPOSA.
AS PRETENSÕES DO PROTESTANTISMO E QUALQUER
PARTE NELE PROVARAM-SE INFUNDADAS,
AUTOCONTRADITÓRIAS E SUICIDAS.

(Do Catholic Mirror de 2 de Setembro de 1893)

A nossa atenção foi despertada para o tema acima, na semana passada, ao recebermos uma brochura de 21 páginas, publicada pela Associação Internacional pela Liberdade Religiosa, intitulada “Apelo e Protesto”, contendo resoluções adoptadas pela Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia (24 de Fevereiro de 1893). As resoluções criticam e censuram, com muita severidade, a ação do Congresso dos Estados Unidos, e do Supremo Tribunal, por invadirem o direito das pessoas ao ordenarem o encerramento da Feira Mundial aos Domingos.

Os Adventistas são o único grupo de cristãos que fazem da Bíblia o seu instrutor, que não conseguem encontrar nas suas páginas qualquer autorização para a mudança do sétimo dia para o primeiro. Daí o seu próprio nome “Adventistas do Sétimo Dia”. O seu princípio fundamental consiste em separar o sétimo dia, o Sábado, para o culto exclusivo de Deus, de acordo com o mandamento positivo do próprio Deus, repetidamente reiterado nos livros sagrados do Velho e Novo Testamentos, obedecido literalmente pelos filhos de Israel durante milhares de anos até hoje e confirmado pelo ensino e prática do Filho de Deus enquanto esteve aqui na terra.

Pelo contrário, os Protestantes do mundo, à exceção dos Adventistas, com a mesma Bíblia como seu acariciado e único instrutor infalível, pela sua prática, desde o seu aparecimento no século XVI, apesar de terem diante de si a prática do povo judeu, dignificada

pelo tempo, têm rejeitado o dia indicado por Deus para o Seu culto, e aceitaram, em aparente contradição com o Seu mandamento, um dia para o Seu culto nem uma só vez mencionado, para esse propósito, nas páginas desse Livro Sagrado.

Que púlpito Protestante não soa, alto e bom som, cada Domingo, com invectivas apaixonadas contra a violação do Sábado (Domingo)? Quem pode esquecer o clamor fanático dos pastores protestantes, por toda a terra, contra a abertura dos portões da Feira Mundial aos Domingos? Os milhares de petições, assinadas por milhões, para salvar o Dia do Senhor (Domingo) da profanação? Certamente que tão generalizado e extenso excitação e ruidosa manifestação não poderiam ter existido sem as bases mais fortes para tão animados protestos.

E quando foram atribuídos lugares, na Feira Mundial, às várias seitas do Protestantismo para a exibição de artigos, quem pode esquecer as expressões enfáticas de virtuosa e conscienciosa indignação exibida pelos nossos irmãos Presbiterianos, logo que souberam da decisão do Supremo Tribunal de não interferir na abertura da Feira aos Domingos? Os jornais informaram-nos que eles se recusaram terminantemente a utilizar o espaço que lhes fora concedido, ou a abrir as suas caixas, requerendo o direito de retirarem os artigos, em rígida aderência aos seus princípios, e assim declinar todo o contato com a Exposição sacrílega e quebrantadura do Sábado (Domingo).

Sem dúvida, os nossos irmãos Calvinistas mereceram e partilharam da simpatia de todas as outras seitas que, contudo, perderam a oportunidade de se colocarem como mártires na defesa da observância do Sábado (Domingo).

Eles tornaram-se assim “um espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens,” embora os seus irmãos Protestantes, que não participaram no monopólio, se tivessem disposto a considerar, descaridosa e invejosamente, como sendo orgulho farisaico e obstinação intratável, a sua firme aderência ao princípio religioso.

O nosso propósito ao publicar este artigo, é lançar tal luz sobre

esta questão de importância capital (pois, se a questão do Sábado fosse removida dos púlpitos protestantes, as seitas sentir-se-iam perdidas e os pregadores privados do seu “petisco favorito”) que os nossos leitores fiquem habilitados a compreender a questão em toda a sua profundidade, e assim alcancem uma convicção clara.

O mundo cristão está, moralmente falando, unido na questão e prática de prestar edito a Deus no primeiro dia da semana.

Os Israelitas, espalhados por toda a face da terra, guardam o último dia da semana como sagrado para a adoração da Divindade. A este respeito, os Adventistas do Sétimo Dia (uma seita de cristãos numericamente pequena) também escolheram o mesmo dia.

Tanto os Israelitas como os Adventistas recorrem à Bíblia para o mandamento divino, que obriga persistentemente a observância do Sábado, o sétimo dia.

O Israelita respeita somente a autoridade do Velho Testamento, mas o Adventista, que é Cristão, aceita o Novo Testamento na mesma base do Velho Testamento, isto é, um registo inspirado também. Ele acha que a Bíblia, o seu instrutor, é consistente em ambas as partes, que o Redentor, durante a Sua vida mortal, nunca guardou qualquer outro dia a não ser o Sábado. Os Evangelhos evidenciam- lhe claramente este facto; enquanto que, nas páginas dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas e do Apocalipse, não se consegue encontrar vestígio algum dum ato a cancelar o mandamento do Sábado, o sétimo dia.

Os Adventistas, por conseguinte, em comum com os Israelitas, derivam a sua crença do Velho Testamento, cuja posição é confirmada pelo Novo Testamento, apoiando plenamente, mediante a vida e prática do Redentor e dos Seus apóstolos, o ensino da Sagrada Palavra durante quase um século da era Cristã.

Considerados numericamente, os Adventistas do Sétimo Dia formam uma porção insignificante da população Protestante da Terra, mas, como a questão não é de números, mas de verdade, facto e direito, um senso estrito de justiça proíbe a condenação desta pequena seita sem uma investigação calma e imparcial; e isto não

nos diz respeito.

O mundo Protestante tem estado, desde o seu começo, no século XVI, em completo acordo com a Igreja Católica, em guardar como dia “santo”, não o Sábado, mas o Domingo. A discussão das bases que conduziram a esta unanimidade de sentimento e prática durante mais de 300 anos, deve ajudar no sentido de colocar o Protestantismo numa base sólida a este respeito, caso os argumentos em favor da sua posição superem os que são apresentados pelos Israelitas e Adventistas, sendo a Bíblia, o único instrutor reconhecido por ambos os contendores, o árbitro e a testemunha. Se, todavia, por outro lado, os últimos fornecerem elementos irrespondíveis pela grande massa de Protestantes, apoiando-se ambos os contendores no seu instrutor comum, a Bíblia, o grande corpo de Protestantes, em vez de clamar, como fazem com vigorosa teimosia pela guarda estrita do Domingo, não lhes resta outro (recurso) a não ser admitirem que têm estado a ensinar e a praticar o que é *Escrituristicamente falso há mais de três séculos*, ao adotarem o ensino e a prática daqueles que eles sempre têm pretendido acreditar serem uma igreja apóstata, contrária a toda a ordem e ensino das Sagradas Escrituras. Para aumentar a intensidade deste imperdoável erro crasso Escriturístico, ele envolve um dos mais positivos e enfáticos mandamentos de Deus ao Seu servo, o homem: “Lembra-te do dia do Sábado, para o santificar.”

Nenhum Protestante que vive atualmente jamais obedeceu a esse mandamento, preferindo seguir a igreja apóstata acima referida do que o seu instrutor, a Bíblia, que, do Génesis ao Apocalipse, não ensina outra doutrina, caso os Israelitas e os Adventistas do Sétimo Dia estejam corretos. Ambos os lados recorrem à Bíblia como o seu “infalível” instrutor. Deixemos que a Bíblia determine se é o Sábado ou o Domingo o dia que Deus ordenou que se santificasse. Um dos dois grupos deve estar errado, e, considerando que uma posição falsa nesta questão de suma importância envolve terríveis penalidades, ameaçadas pelo próprio Deus, contra o transgressor deste “concerto perpétuo”, entraremos na discussão dos méritos dos argumentos fornecidos por ambos os lados. A discussão deste

preeminente tema não está acima da capacidade de mentes comuns, nem envolve estudo extraordinário. Ele explica-se com três perguntas simples de fácil resposta:

- 1º Qual é o dia da semana que a Bíblia ordena que se santifique?
 - 2º Modificou o Novo Testamento, por preceito ou prática, o mandamento original?
 - 3º Têm os Protestantes, desde o século XVI, obedecido ao mandamento de Deus de “santificar” o dia ordenado pelo seu infalível guia e instrutor, a Bíblia? E se não, porque não? As três questões acima prometemos solenemente fornecer respostas tão inteligentes quanto possível, as quais não deixarão de vindicar a verdade e realçar a deformidade do erro.
-

(Do Catholic Mirror de 9 de Setembro de 1893)

“Mas a fé, fé fanática, uma vez bem firmada nalguma acariciada falsidade, apegase a ela até ao fim.” - Moore.

De acordo com a nossa promessa na nossa última edição, prosseguimos em desmascarar um dos erros mais flagrantes e uma das mais imperdoáveis inconsistências da regra bíblica de fé. A fim de não sermos mal compreendidos, entretanto, achamos necessário explicar de antemão que o Protestantismo não reconhece nenhuma regra de fé, nenhum instrutor, a não ser a “infalível Bíblia”. Enquanto o Católico submete o seu juízo em questões espirituais implicitamente, e com plena confiança, à voz da sua igreja, do mesmo modo, também, o Protestante não reconhece *nenhum instrutor senão a Bíblia*. Toda a sua espiritualidade provém dos seus ensinos. Ela é para ele a voz de Deus dirigindo-se-lhe através do seu único instrutor inspirado. Ela incorpora a sua religião, a sua fé e a sua prática. As palavras de Chillingworth: “A Bíblia, toda a Bíblia, e nada senão a Bíblia, é a religião dos Protestantes”, são apenas uma forma da mesma ideia diversamente convertível noutras formas, tais como: “O Livro de Deus”, “O Mapa da Nossa Salvação”, “O Oráculo da Nossa Fé Cristã”, “O Livro-Texto de Deus Para a Raça Humana”, etc., etc. É, pois, um fato incontroverso que a *Bíblia somente* é o instrutor do Cristianismo Protestante. Assumindo este facto, retomaremos agora a discussão dos méritos da questão envolvida na nossa última edição.

Reconhecendo o que é inegável, o facto de uma contradição direta entre o ensino e a prática do Cristianismo Protestante — com a exceção dos Adventistas do Sétimo Dia - por um lado, e o do povo Judeu por outro, ambos observando dias diferentes para o culto a Deus, prosseguiremos em obter o testemunho da única testemunha disponível nas premissas: a saber, o testemunho do instrutor comum a ambos os litigantes, a Bíblia. A primeira expressão que encontramos na Sagrada Palavra, aparece em Génesis 2:2: “E no

sétimo dia Ele (Deus) descansou de toda a j Sua obra que tinha feito.” A próxima referência a este assunto encontra-se em Êxodo 20, onde Deus ordena que se guarde o sétimo dia, *porque* Ele mesmo descansou da obra da criação nesse dia; e o texto sagrado informa-nos que, *por essa razão*, Ele desejou que ele fosse guardado, usando as palavras seguintes: “*Por conseguinte*, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou.”(1) De novo lemos no capítulo 31, versículo 15: “Seis dias trabalharás; no sétimo dia é o Sábado, o descanso santo ao Senhor”; versículo 16: “*Ele é um concerto eterno*” “e um sinal perpétuo.”, “porque em seis dias fez o Senhor o céu e a terra, e no sétimo Ele cessou de trabalhar”.

No Velho Testamento faz-se referência ao Sábado 126 vezes, e todos estes textos se ligam harmoniosamente em dar voz à vontade de Deus ordenando que o sétimo dia seja guardado porque Ele próprio *o guardou primeiro*, tornando-o obrigatório para todos como “um concerto perpétuo”. Nem podemos imaginar alguém suficientemente tolo para questionar a identificação do Sábado com o sétimo dia, uma vez que o povo de Israel tem estado a guardar o Sábado desde que lhe foi dada a lei, 2514 A.M. (isto é, 1490 a.C.) a 1893 A.D.1, um período de 3383 anos. Com o exemplo dos Israelitas perante os nossos olhos hoje, não existe facto histórico melhor estabelecido do que o que acabámos de referir, isto é, que o povo escolhido de Deus, os guardiões do Velho Testamento, os representantes vivos da única religião divina até aí, preservaram durante um período de 1490 anos anteriores ao Cristianismo, mediante prática semanal, a tradição viva da interpretação correta do dia especial da semana, o Sábado, que deve ser guardado “santo ao Senhor”, cuja tradição eles estenderam, pela sua prática, a um período adicional de 1893 anos, cobrindo assim a extensão completa da dispensação Cristã. Achamos necessário sermos perfeitamente claros neste ponto, por razões que aparecerão mais desenvolvidas a seguir. A Bíblia - o Velho Testamento - confirmada pela tradição

(1)As escrituras citadas nestes editoriais são retiradas da versão Douay, ou versão Católica, como facilmente se compreende.

viva de uma prática semanal durante 3383 anos pelo povo escolhido de Deus, ensina, então, com absoluta certeza, que o próprio Deus nomeou o dia a ser “guardado santo para Ele”, - que o dia foi o Sábado, e que qualquer violação desse mandamento seria punida com a morte. Guardai-vos o Meu Sábado, pois é santo para vós; aquele que o profanar será condenado à morte; aquele que fizer qualquer trabalho nele a sua alma perecerá no meio do seu povo.” Êxodo 31:14.

É impossível idealizar uma penalidade mais severa do que a que o próprio Deus proferiu no texto acima, sobre todos os que violassem um mandamento referido não menos do que 126 vezes na velha lei. Os dez mandamentos do Velho Testamento são formalmente impressos na memória do filho do Cristão Bíblico logo que possível, mas nenhum dos dez é tornado mais enfaticamente familiar, tanto na Escola Dominical como no púlpito, do que o de guardar “santo” o dia de Sábado.

Tendo sido informados, com absoluta certeza, mediante a Sua Sagrada Palavra, da vontade de Deus a respeito do dia que deve ser santificado, porque Ele descansou nesse dia, dia esse que nos é confirmado pela prática do Seu povo escolhido durante milhares de anos, somos naturalmente levados a perguntar quando e onde Deus mudou o dia para o Seu culto; pois é patente perante o mundo que teve lugar uma mudança do dia, e uma vez que não há qualquer indicação para tal mudança, nem nas páginas do Velho Testamento nem na prática do povo judeu que, ao longo de quase 19 séculos de Cristianismo, continua a obedecer a este mandamento escrito, precisamos de investigar o expositor da dispensação cristã, isto é, o Novo Testamento, para descobrirmos o mandamento de Deus que anula o velho Sábado, o sétimo dia.

Entramos agora num período que cobre pouco menos de 19 séculos, e vamos investigar se o instrutor suplementar divino - o Novo Testamento - contém um decreto a cancelar o mandato da velha lei, e, ao mesmo tempo, substituindo, por outro dia, o Sábado divinamente instituído da velha lei, isto é, o sétimo dia; pois, uma vez que o Sábado era o dia de guarda e assim ordenado por Deus

para ser guardado, unicamente a autoridade divina, sob a forma de um decreto de cancelamento, podia abolir o concerto do Sábado, e outro mandato divino, indicando por nome outro dia diferente do Sábado, para ser guardado como “santo”, é igualmente necessário para satisfazer a consciência do crente cristão. Sendo a Bíblia o único instrutor reconhecido pelo cristão bíblico^{b)}, não havendo no Velho Testamento a indicação de mudança de dia, e não obstante outro dia, em vez do Sábado, estar a ser guardado “santo” pelo mundo bíblico^{c)}, é certamente indispensável da parte do cristão reformado indicar nas páginas do Novo Testamento o novo decreto divino revogando o do Sábado e substituindo-o pelo do Domingo, guardado por cristãos bíblicos desde o alvorecer da Reforma.

Examinando o Novo Testamento de capa a capa, de modo crítico, encontramos o Sábado referido 61 vezes. Encontramos, também, que o Salvador escolhia invariavelmente o Sábado para ensinar nas sinagogas e operar milagres. Os quatro evangelhos referem-se ao Sábado (sétimo dia) 51 vezes.

Numa ocasião o Redentor referiu-se a Si mesmo como “o Senhor do Sábado”, tal como mencionam Mateus e Lucas², mas durante todo o registo da Sua vida, embora guardando e utilizando invariavelmente o dia (Sábado), *Ele nunca manifestou uma única vez o desejo de o mudar*. Os Seus apóstolos e amigos pessoais fornecem-nos um exemplo flagrante da sua escrupulosa observância do Sábado após a Sua morte, e, enquanto o Seu corpo estava ainda no sepulcro, Lucas 23:56) informa-nos: “E elas voltaram e prepararam especiarias e unguentos, e repousaram no dia de Sábado conforme o mandamento.” “Mas no primeiro dia da semana, muito de madrugada, elas vieram, trazendo as especiarias que tinham preparado.” As “especiarias” e “unguentos” tinham sido preparados na Sexta-feira santa à tarde, porque “despontava o Sábado.” Versículo 54. Esta ação da parte dos amigos pessoais do Salvador, prova, sem margem para qualquer dúvida, que, *após a Sua morte*, eles guardaram “santo” o Sábado, e *consideraram o Domingo como qualquer outro dia da semana*. Haverá, por conseguinte, prova mais conclusiva do que os apóstolos e as santas mulheres nunca terem conhecido nenhum outro Sábado senão o

b) N.T. - Isto significa cristão Protestante

c) N.T. - Significa mundo Protestante.

sétimo dia, até ao dia da morte de Cristo?

Vamos agora investigar esta interessante questão nos 30 anos seguintes, tal como se encontra narrada pelo evangelista S. Lucas, nos seus Atos dos Apóstolos. Certamente que conseguiremos descobrir algum vestígio do ato cancelador na prática dos apóstolos durante esse prolongado período.

Mas, que pena! Estamos uma vez mais condenados ao desapontamento. *Nove* vezes encontramos, de fato, o Sábado referido nos Atos, mas é o sétimo dia (o velho Sábado). Caso os nossos leitores desejem a prova, referimos a seguir o capítulo e os versículos em cada ocorrência. Atos 13: 14, 27, 42, 44. Uma vez mais Atos 15:21; de novo Atos 16: 13; 17:2; 18:4. “E ele (Paulo) arrazoava na sinagoga *cada Sábado*, e persuadia os judeus e os gregos.” *Por conseguinte, o Sábado (o sétimo dia) desde o Gênesis ao Apocalipse!!!* Assim, é impossível encontrar no Novo Testamento a menor interferência do Salvador ou dos Seus apóstolos com o Sábado original, antes pelo contrário, vemos uma completa aquiescência para com o arranjo original; e mais do que isso, um aval pleno d'Ele enquanto vivia; e uma invariável, ativa participação na guarda desse dia e nenhum outro pelos apóstolos, durante 30 anos após a Sua morte, como os Atos dos Apóstolos abundantemente nos testificaram.

Por isso a conclusão é inevitável; isto é, que daqueles que seguem a Bíblia como seu guia, os Israelitas e os Adventistas do Sétimo Dia, têm o peso exclusivo da evidência no seu lado, enquanto que o Protestante Bíblico não tem uma única palavra em sua autodefesa para substituição do Sábado pelo Domingo. Continua.

(Do Catholic Mirror de 16 de Setembro de 1893)

Quando sua majestade satânica, que foi “homicida desde o princípio”, “e o pai da mentira”, se empenhou em abrir os olhos da nossa primeira mãe, Eva, mediante o estimular a sua ambição, “sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal”, a sua ação foi apenas o princípio de muitos esforços plausíveis e bem sucedidos, empregados mais tarde, na sedução de milhões dos seus filhos. Mas aí, como Eva, eles aprendem demasiado tarde a importância dos engodos apresentados para tentar os seus filhos fracos a quebrar a sua aliança com Deus. Nem o assunto desta discussão constitui uma exceção às táticas usuais da sua negra majestade.

Desde há mais de três séculos que ele exhibe plausivelmente, perante um grande número de cristãos descontentes e ambiciosos, a brilhante perspectiva da inauguração bem sucedida de um “novo começo”, mediante o abandono da Igreja instituída pelo Filho de Deus, como sua instrutora e a adopção de um novo instrutor - *a Bíblia somente* - como o seu oráculo acabado de encontrar.

A sagacidade do maligno não previu senão o êxito brilhante desta manobra. E o resultado não deixou de alcançar as suas mais sanguinárias expectativas.

Bastava apenas encontrar um espírito ousado e aventureiro para dirigir a expedição. Ele, sua majestade satânica, em breve o encontrou no monge apóstata, Lutero, que, repetidamente testifica, ele próprio, da íntima familiaridade existente entre ele e o seu senhor, na sua “Conversa à Mesa”, e outras obras publicadas em 1558, em Wittenberg, sob a inspeção de Melancthon. Os seus colóquios com Satanás, em várias ocasiões, são testificados pelo próprio Lutero - uma testemunha digna de todo o crédito. O que a ação da serpente conseguiu alcançar tão eficazmente no jardim, a ação de Lutero alcançou no mundo pelo cristão⁴.

“Dá-lhes um piloto para a sua errante frota,
Ousado na sua arte e instruído para enganar;

Cuja mão aventureira o seu leme desviará
Para praias hostis, ou os 'submergirá na maré'."

Como o fim proposto a si mesmo pelo maligno na sua investida contra a igreja de Cristo era a destruição do Cristianismo, nós estamos agora empenhados em investigar os meios adoptados por ele para assegurar o seu êxito nisto. Até aqui, eles demonstraram-se desencaminhadores, autocontraditórios e enganadores. Agora prosseguiremos com uma investigação mais profunda desta impostura.

Tendo provado, sem lugar para dúvidas, que o Redentor em nenhum caso, Se desviou, durante o período da Sua vida, da fiel observância do Sábado (sétimo dia), referido pelos quatro evangelistas 51 vezes, embora Se tivesse designado a Si mesmo como o "Senhor do Sábado", Ele nunca aludiu, uma única vez, por ordem ou prática, ao desejo da Sua parte de mudar o dia substituindo-o por outro, e tendo chamado a atenção especial para a conduta dos apóstolos e das santas mulheres, na própria noite da Sua morte, preparando antecipadamente especiarias e unguentos para serem usados em embalsamar o Seu corpo na manhã a seguir ao Sábado (sétimo dia), como S. Lucas tão claramente nos informa (Lucas 24:1), pondo com isso fora de dúvida a ação e a vontade divinas do Filho de Deus, durante a vida, de guardar o Sábado com firmeza; e tendo chamado a atenção para os Seus representantes vivos após a Sua morte, como prova S. Lucas; tendo também colocado perante os nossos leitores o *fato indisputável* de que os apóstolos, durante os 30 anos seguintes (Atos), nunca se desviaram da prática do Seu divino Mestre a este respeito, como S. Lucas (Atos 18:4) nos assegura: "E ele (Paulo) arrazoava nas sinagogas *cada Sábado* (sétimo dia), e persuadia a judeus e a gregos." Os conversos gentios eram, como vemos pelo texto, instruídos igualmente com os judeus a guardar o Sábado (sétimo dia), tendo-se convertido ao Cristianismo, nesse dia, "os judeus e os gregos" coletivamente.

4 Com certeza que não temos a menor simpatia com o que aqui é dito acerca de Lutero. Somente os Luteranos pensam que Lutero linha toda a verdade, mas apesar disso grande foi a sua obra, Ele foi um herói cristão. Tivesse tão somente a sua obra sido continuada como começou, os papistas não estariam agora a escrever dos «Protestantes» com inconsistência de professar aceitar a Bíblia somente e depois seguirem as tradições da Igreja Católica. - Editores.

Tendo também chamado a atenção para os textos dos Atos que se referem ao uso exclusivo do Sábado pelos judeus e pelos cristãos durante 30 anos após a morte do Salvador como *único* dia da semana observado por Cristo e Seus apóstolos, cujo período *esgota o registo inspirado*, nós prosseguimos agora em suplementar as nossas provas de que o Sábado (sétimo dia) gozava este privilégio exclusivo, ao chamar a atenção para *cada caso* em que o registo sagrado se refere ao primeiro dia da semana.

A primeira referência ao Domingo após a ressurreição de Cristo encontra-se no evangelho de S. Lucas, capítulo 24, versículos 33-40 e S. João 20:19.

Os textos acima referem-se, eles próprios, ao único motivo nesta reunião por parte dos apóstolos. Ela teve lugar no dia da ressurreição (Domingo de Páscoa), não com o propósito de inaugurar a “nova partida” do velho Sábado (sétimo dia) ao guardar como “santo” o novo dia, pois não existe um único indício de ter havido oração, exortação ou a leitura das Escrituras, mas indica a completa desmoralização dos apóstolos, ao informar a humanidade que eles estavam congregados naquele cenáculo em Jerusalém “por medo dos judeus”, como S. João, citado acima, claramente nos informa.

A segunda referência ao Domingo encontra-se no Evangelho de S. João, capítulo 20 e versículos 26 a 29: “E oito dias depois, os discípulos estavam outra vez reunidos dentro e Tomé estava com eles.” O Redentor ressurreto aproveitou-se desta reunião de todos os apóstolos para confundir a incredulidade de Tomé, que estivera ausente na reunião do Domingo de Páscoa à noite. Isto teria fornecido uma oportunidade áurea para o Redentor mudar o dia na presença de todos os Seus apóstolos, mas nós verificamos o simples facto de que, nesta ocasião, como no dia de Páscoa, nem uma única palavra de oração, louvor ou leitura das Escrituras é proferida.

5 A Páscoa ocorria sempre no décimo quarto dia do primeiro mês, sem referência alguma a qualquer dia específico da semana, e por isso era impossível que o Pentecostes ocorresse sempre «necessariamente ao Domingo», como se afirma no texto acima. Inserimos aqui esta nota simplesmente com o objetivo da exatidão e não para influenciar em coisa alguma a controvérsia que decorre no texto. - Ed.

A terceira referência escriturística, em que os apóstolos estiveram reunidos num Domingo, encontra-se em Atos 2:1: “Os apóstolos estavam todos reunidos concordemente num lugar.” (Festa do Pentecostes - Domingo). Ora, confere este texto aos nossos irmãos bíblicos um raio de esperança de que o Domingo substituiu, finalmente, o Sábado? Pois quando nós os informamos que os judeus tinham estado a guardar este Domingo desde há 1500 anos, e têm-no estado a guardar desde há 18 séculos após o estabelecimento do Cristianismo, guardando ao mesmo tempo o Sábado semanal, não encontramos neste texto consolação ou conforto. O Pentecostes ocorria no quinquagésimo dia após a Páscoa,⁵ que era chamado o Sábado das semanas, consistindo em sete vezes sete dias; e o dia após o término do dia do sétimo Sábado semanal, era o dia principal de todo o festival, necessariamente Domingo. Que Israelita não se sentiria desgostado com o motivo que pretendesse descobrir a origem da guarda do primeiro dia da semana neste festival do Pentecostes, que tem sido guardado por ele anualmente desde há mais de 3000 anos? Quem, senão o Cristão bíblico, empurrado contra a parede em busca de um pretexto para desculpar a sua profanação sacrílega do Sábado, que Cristo e os Seus apóstolos sempre guardaram, recorreria a este festival judaico do Pentecostes para apoiar o seu ato de rebelião contra o seu Deus e o seu instrutor, a Bíblia?

Uma vez mais, os apologistas bíblicos para a mudança do dia chamam a nossa atenção para Atos, capítulo 20 e versículos 6 e 7: “E no *primeiro dia da semana*, quando os discípulos se reuniram para partir o pão” etc. Segundo todas as aparências, o texto acima deveria fornecer alguma consolação aos nossos desgostosos amigos bíblicos, mas sendo desmancha prazeres não lhes permitiremos sequer uma migalha de conforto. Respondemos com o axioma: “*Quod probat nimis, probat nihil*” - “O que prova demais, não prova nada.” Recordemos Atos 2:46: “E eles continuando *diariamente* no templo, e partindo pão de casa em casa,” etc. Quem não vê, num relance, que o texto apresentado para provar a prerrogativa exclusiva do Domingo, se desvanece em ar rarefeito - um ignis fatuus - quando

colocado em justaposição com o versículo 46 do segundo capítulo do mesmo livro? O que o cristão bíblico atribui por este texto ao *Domingo somente*, a mesma autoridade, S. Lucas, informa-nos que era *comum a cada dia da semana*: “E eles, continuando *diariamente* no templo, e partindo pão de casa em casa,”.

Existe um outro texto que favorece aparentemente a substituição do Sábado pelo Domingo. Trata-se das palavras de S. Paulo em I Coríntios 16:1, 2: “Ora a respeito da coleta para os santos.” “No primeiro dia da semana, que cada um de vós ponha de lado, em sua casa,” etc. Supondo que o pedido de S. Paulo foi estritamente atendido, chamemos a atenção para o que fora feito cada Sábado durante a vida do Salvador e que continuou a ser feito durante os 30 anos seguintes após a Sua morte, como o livro de Atos nos informa.

Os seguidores do Mestre reuniam-se “*cada Sábado*” para ouvir a palavra de Deus; as Escrituras eram lidas “*cada dia de Sábado*”. “E Paulo, segundo o seu costume, arrazoava na sinagoga cada Sábado, invocando o nome do Senhor Jesus,” etc. Atos 18:4. Que mais absurda conclusão do que inferir que a leitura das Escrituras, a oração, a exortação e a pregação, que formavam os deveres rotineiros de cada Sábado (sétimo dia), como tem sido provado abundantemente, fossem postos à margem por um pedido de levantar uma coleta noutro dia da semanal

A fim de apreciarmos plenamente o valor deste texto, agora sob consideração, precisamos apenas de lembrar a ação dos apóstolos e das santas mulheres na Sexta-feira Santa antes do pôr-do-sol. Elas compraram especiarias e unguentos após Ele ter sido retirado da cruz; elas suspenderam toda a ação até que o Sábado, “santo ao Senhor”, tivesse passado, e então deram os passos necessários no Domingo de manhã para completar o processo de embalsamar o sagrado corpo de Jesus.

Porquê, podemos perguntar, não prosseguiram elas o trabalho de completar o embalsarnamento no Sábado? - Porque elas sabiam muito bem que o embalsarnamento do sagrado corpo do seu Mestre interferiria com a estrita observância do Sábado, a guarda do qual

era de suprema importância; e até que possa ser mostrado que o dia de Sábado *precedendo imediatamente o Domingo do nosso texto* não foi guardado (o que seria falso, uma vez que cada Sábado tinha sido guardado), o pedido de S. Paulo para fazer a coleta *no Domingo* deve ser classificado com o trabalho de embalsamar o corpo de Cristo, que não podia ser efetuado no Sábado, e foi conseqüentemente adiado para o próximo dia conveniente, isto é, o Domingo, ou primeiro dia da semana.

Tendo abordado todos os textos, que se encontram no Novo Testamento, que se referem ao Sábado (sétimo dia) e ao primeiro dia da semana (Domingo); e tendo demonstrado conclusivamente por esses textos, que, até aqui, não se encontra a mínima sombra de pretexto no Sagrado Livro para a substituição bíblica do Sábado pelo Domingo; só nos resta investigar o significado da expressão “Dia do Senhor”, que se encontra no Novo Testamento, o que nos propomos fazer no nosso próximo artigo, e concluir com as anotações apropriadas acerca das incongruências dum sistema de religião que provámos ser indefensável, autocontraditório e suicida.

(Do Catholic Mirror de 23 de Setembro de 1893)

“Manquejando sobre muletas de tamanho desigual, uma perna apoiada na verdade, a outra em mentiras, assim andando de lado para a meta com passo desastrado, seguros de nada senão de perder a corrida.”

No presente artigo propomo-nos investigar cuidadosamente uma nova classe (e a última) de provas tidas como certas para convencer o Cristão Bíblico que Deus substituiu o Sábado pelo Domingo para a Sua adoração na nova lei, e que a vontade divina deve encontrar-se registada pelo Espírito Santo nos escritos apostólicos.

Estamos informados que esta mudança radical encontrou eco, repetidas vezes, numa série de textos nos quais a expressão “o dia do Senhor” se encontra.

Tendo sido examinada, de modo crítico, a classe de textos no Novo Testamento, sob o título “Sábado”, totalizando 61 nos Evangelhos, Atos e Epístolas, e a segunda classe, nos quais “o primeiro dia da semana”, ou o Domingo, (a última classe totaliza nove (oito)); e tendo sido descoberto não conter a menor indicação de uma mudança de vontade da parte de Deus no que concerne o Seu dia de adoração por parte do homem, vamos agora examinar a terceira e última classe de textos em que se confia para salvar o sistema bíblico da acusação de buscar impingir ao mundo, em nome de Deus, um decreto para o qual não existe a menor autorização, ordem ou justificação da parte do seu instrutor, a Bíblia.

O primeiro texto desta classe encontra-se em Atos dos Apóstolos 2:20: “O sol tornar-se-á em trevas, e a lua em sangue, antes que *venha* aquele grande e notável dia do Senhor.” Quantos Domingos já passaram desde que a profecia foi proferida? O suficiente para dar lugar ao esforço de perverter o significado do texto sagrado, que se refere ao dia do juízo, e interpretando-o como se referindo ao Domingo!

O segundo texto desta classe encontra-se em I Coríntios 1:8: “O qual vos confirmará até ao fim, para que sejais irrepreensíveis *no dia do nosso Senhor Jesus Cristo*.” Que simplório não vê que o apóstolo aqui se refere claramente ao dia do juízo? O próximo texto desta classe, que se apresenta a si mesmo, encontra-se nesta mesma epístola, capítulo 5:5: “Para entregar o tal a Satanás para destruição da carne, para que o espírito possa ser salvo *no dia do Senhor Jesus*.” O incestuoso coríntio foi, certamente, salvo no Domingo seguinte!! Quão lamentável um expediente destes! O quarto texto, II Coríntios 1:13, 14: “E confio que o compreendereis até ao fim, assim como sois nossos no dia do nosso Senhor Jesus.”

Domingo, ou o dia do juízo, qual? O quinto texto é de S. Paulo aos Filipenses 1:6: “Estando confiante disto mesmo, que Aquele que começou uma obra em vós a aperfeiçoará *até ao dia de Jesus Cristo*.” O bom povo de Filipos, ao atingir a perfeição *no Domingo seguinte*, poder-se-ia rir do nosso trânsito rápido moderno!

Rogamos a fineza de nos permitirem apresentar o nosso sexto texto desta classe, isto é, Filipenses 1:10: “Para que possais ser sinceros, sem ofensa *até ao dia de Cristo*.” Esse dia era o *Domingo seguinte*, sem dúvida! Não muito tempo para esperar afinal de contas! O sétimo texto, II Pedro 3:10: “Mas *o dia do Senhor* virá como um ladrão na noite.” A aplicação do Domingo a este texto ultrapassa os limites do absurdo.

O oitavo texto, II Pedro 3:12: “Aguardando e apressando-nos para *a vinda do dia do Senhor*, no qual os céus incendiados se dissolverão”, etc. Este dia do Senhor é o mesmo que foi referido no texto anterior, cuja aplicação de ambos ao Domingo seguinte teria deixado o mundo cristão insone na próxima noite de Sábado.

Apresentámos aos nossos leitores oito dos nove textos nos quais se confia para apoiar, mediante textos da Escritura, o esforço sacrílego de impingir o Domingo como sendo o “dia do Senhor”, e com que resultado? Cada um deles fornece evidência *prima facie* como referindo-se direta, absoluta e inequivocamente ao último dia, isto é, o dia da vinda do Senhor.

O nono texto no qual encontramos a expressão “dia do Senhor”, é o último que se encontra nos escritos dos apóstolos. O Apocalipse, ou Revelação, capítulo 1:10, fornece-a nas seguintes palavras do apóstolo S. João: “Eu estive no Espírito no dia do Senhor;” mas ele não concede maior conforto aos nossos amigos bíblicos do que os seus predecessores da mesma série. Utilizou o apóstolo S. João a expressão anteriormente no seu Evangelho ou Epístolas? - Enfaticamente, *Não*. Teve ele ocasião de se referir ao Domingo antes? - Sim, duas vezes. Como designou ele o Domingo nessas duas ocasiões? O Domingo da Páscoa foi chamado por ele (João 20:1) “*o primeiro dia da semana*”.

Outra vez, no capítulo 20:19: “Ora quando já era tarde naquele mesmo dia, *sendo o primeiro dia da semana*.” Evidentemente, embora inspirado, tanto no seu Evangelho como nas Epístolas, ele chamou ao Domingo “o primeiro dia da semana”. Em que bases, então, se pode assumir que ele abandonou essa designação? Estava demais inspirado quando escreveu o Apocalipse, ou adotou ele um novo título para o Domingo, porque estava então em voga?

Uma resposta a estas perguntas seria desnecessária, especialmente à última, uma vez que a mesma expressão já foi usada oito vezes por S. Lucas, S. Paulo e S. Pedro, *todos sob inspiração divina*, e de certeza que o Espírito Santo não inspiraria S. João a chamar ao Domingo dia do Senhor, enquanto que inspirou S. Lucas, S. Paulo e S. Pedro, coletivamente, a chamarem ao dia do juízo “o dia do Senhor”. Os eruditos em dialética consideram, entre os motivos infalíveis de certeza, o motivo moral de analogia ou indução, pelo qual estamos aptos a concluir, com certeza, do conhecido para o desconhecido; estando absolutamente certos do significado duma expressão proferida oito vezes, concluímos que a mesma expressão pode ter somente o mesmo significado quando proferida a nona vez, especialmente quando sabemos que nas nove ocasiões as expressões foram *inspiradas pelo Espírito Santo*.

Nem faltam as bases mais fortes e intrínsecas para provar que este, como os textos seus irmãos, contém o mesmo significado. S. João (Apocalipse 1:10) diz: “Eu estive no Espírito no dia do Senhor”;

mas ele fornece-nos a chave para esta expressão, capítulo 4:1-2: “Depois disto olhei e eis que uma porta estava aberta no céu.” Uma voz disse-lhe: “Sobe até aqui e eu te mostrarei *as coisas que devem acontecer no futuro*”. Ascendamos em espírito com João. Aonde? - ao céu através daquela “porta no céu”. E que veremos nós? - “As coisas que devem acontecer no futuro”, capítulo 4:1. Ele ascendeu em espírito ao céu. Foi-lhe ordenado escrever, completamente, a sua visão do que deve acontecer antes de e concomitantemente com, “o dia do Senhor”, ou o dia do juízo; a expressão “dia do Senhor” sendo confinada, na Escritura, ao dia do juízo exclusivamente.

Coletámos, estudiosa e acuradamente, do Novo Testamento cada possível prova que pudesse ser apresentada em favor de uma lei cancelando o dia de Sábado da antiga lei, ou uma substituindo-o por outro dia na dispensação cristã. Fomos cuidadosos em fazer a distinção acima, a fim de evitar que seja dito que o terceiro⁶ mandamento foi ab-rogado sob a nova lei. Qualquer argumento desse tipo é anulado pela ação dos bispos Metodistas Episcopais na sua pastoral de 1874 e citada pelo jornal *New York Herald* da mesma data, do seguinte teor: “O sábado instituído no princípio e confirmado repetidas vezes por Moisés e pelos profetas, nunca foi ab-rogado. Sendo uma parte da lei moral, nenhuma parte ou til da sua santidade lhe foi tirado.” A declaração oficial acima obriga esse grande corpo de cristãos bíblicos à permanência no terceiro mandamento sob a nova lei.

De novo pedimos a fineza aos nossos leitores de prestarem atenção especial ao artigo vigésimo dos “trinta e nove artigos de religião” do Livro de Oração Comum: “Não é lícito para a igreja ordenar seja o que for contrário à *palavra escrita de Deus*.”

6 Na enumeração católica, o mandamento do Sábado é o terceiro dos Dez Mandamentos – Editores.

Conclusão

Esforçámo-nos o máximo, nesta série de artigos, por instruir os nossos leitores para os preparar, mediante a apresentação de um número *inegável de fatos* encontrados na palavra de Deus, para chegarem a uma conclusão absolutamente irrefragável. Quando surgiu o sistema bíblico^{a)} no séc. XVI, não só se apoderou das possessões temporais da Igreja, mas na sua cruzada vandálica despojou o Cristianismo, tanto quanto pôde, de todos os sacramentos instituídos pelo seu Fundador, do santo sacrifício, etc., etc., não retendo nada senão a Bíblia, que os seus expositores declararam ser o *seu único instrutor* na doutrina e moral cristãs.

O principal entre os seus artigos de fé era, e é ainda hoje, a permanente necessidade de santificar o Sábado. De fato, esse tem sido durante os últimos 300 anos o único artigo da fé cristã no qual tem havido um consenso plenário de representantes Bíblicos. A guarda do Sábado constitui a súpula e a substância da teoria bíblica. Os púlpitos ressoam semanalmente com incessantes invectivas contra a maneira lassa de guardar o Sábado em países Católicos, em contraste com a maneira apropriada, satisfatória e cristã, de guardar o dia em países Bíblicos (isto é, Protestantes).

Quem jamais pode esquecer a virtuosa indignação manifestada pelos pregadores Bíblicos em todo o nosso país, em cada púlpito Protestante, enquanto a questão de abrir a Feira Mundial aos Domingos estava ainda por decidir; e quem não sabe hoje, que uma seita, para assinalar a sua santa indignação perante tal decisão, nunca chegou a abrir as caixas que continham os seus artigos na Feira Mundial?

Estes superlativamente bons e fervorosos cristãos, mediante o estudo aturado e cuidadoso das suas Bíblias, podem encontrar a sua contrapartida numa certa classe de pessoas, boas e singulares, nos dias do Redentor, que O perseguiram noite e dia, angustiados e escandalizados de todo, porque Ele não guardava o Sábado de um

a) Por sistema bíblico o autor refere-se ao Protestantismo.

modo tão rigoroso como eles.

Eles odiavam-nO por Ele usar o senso comum a respeito do dia, e Ele não encontrou epítetos suficientemente expressivos para exprimir o Seu supremo desprezo pelo seu orgulho farisaico. E é muito provável que a mente divina não tenha modificado os Seus pontos de vista hoje a respeito dos clamores ruidosos dos seus seguidores e simpatizantes no final deste século dezanove. Mas quando acrescentarmos a tudo isto o fato de que, enquanto os fariseus do passado guardavam o *verdadeiro Sábado*, os nossos fariseus modernos, contando com a credulidade e simplicidade das suas vítimas, *nunca guardaram, uma única vez nas suas vidas, o verdadeiro Sábado* que o divino Mestre guardou até ao dia da Sua morte, e que os Seus apóstolos guardaram, segundo o Seu exemplo, durante os 30 anos seguintes, de acordo com o Registo Sagrado, a mais flagrante contradição, envolvendo uma deliberada rejeição sacrílega de um dos mais positivos preceitos, está presente perante nós hoje na ação do mundo Cristão Bíblico. A Bíblia e o Sábado constituem a senha do Protestantismo; mas nós demonstrámos que a *Bíblia está contra o Sábado deles*.

Mostrámos que nunca existiu maior contradição do que a sua teoria e prática. Provámos que nem eles nem os seus antepassados Bíblicos jamais guardaram um dia de Sábado nas suas vidas.

Os Israelitas e os Adventistas do Sétimo Dia são testemunhas da sua (deles) profanação semanal do dia indicado por Deus tão repetidas vezes, e enquanto eles têm ignorado e condenado o seu instrutor, a Bíblia, adotaram um dia guardado pela Igreja Católica. Que Protestante pode, após estudar cuidadosamente estes artigos, com uma clara consciência, continuar a desobedecer ao mandamento de Deus, ordenando a guarda do sétimo dia, Sábado, cujo mandamento o seu instrutor, a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse, regista como a vontade de Deus?

A história do mundo não pode apresentar um espécime mais estúpido e auto enlouquecedor de abandono do princípio do que este. O instrutor requer enfaticamente, em cada página, que a lei do

Sábado seja observada cada semana, por todos aqueles que reconhecem a Bíblia “como o único instrutor infalível”, enquanto que os discípulos desse instrutor nunca observaram uma única vez, por mais de trezentos anos, o preceito divino! Esse imenso grupo de Cristãos Bíblicos, os Metodistas, declararam que o Sábado nunca foi ab-rogado, enquanto que os seguidores da Igreja tie Inglaterra, juntamente com a sua filha, a Igreja Episcopal dos Estados Unidos, estão obrigados pelo vigésimo artigo de religião, já antes citado, à ordenança de que a Igreja não pode licitamente ordenar nada “contrário à palavra escrita de Deus”. A palavra escrita de Deus ordena, de modo absoluto, repetitivo e o mais enfaticamente, que o Seu culto seja observado no Sábado, o sétimo dia, ordem essa acompanhada da mais positiva ameaça de morte para com o transgressor. Todas as seitas Bíblicas ocupam a mesma posição auto estulta que nenhuma explicação pode modificar, muito menos justificar.

Quão verdadeiramente se aplicam as palavras do Espírito Santo a esta deplorável situação! *“Iniquitas mentita est sibi”* - “A iniquidade tem mentido a si mesma.” Propondo-se seguir somente a Bíblia como instrutor, todavia, perante o mundo, colocam o único instrutor ignominiosamente de parte, e adoptam o ensino e a prática da Igreja Católica - “a mãe das abominações”, quando se ajusta aos seus propósitos designá-la deste modo -apesar das mais terríveis ameaças pronunciadas pelo próprio Deus contra aqueles que desobedecerem ao mandamento “Lembra-te do dia do Sábado para o santificar.”.

Antes de concluirmos esta série de artigos, pedimos a fineza aos nossos leitores de prestarem de novo atenção ao nosso título introdutório de cada um, isto é, 1. O Sábado Cristão (Domingo), o filho genuíno da união do Espírito Santo com a Igreja Católica Sua esposa. 2. A reivindicação do Protestantismo a qualquer parte nele provou-se infundada, autocontraditória e suicida.

A primeira proposição necessita de pouca prova. A Igreja Católica durante mais de mil anos antes da existência de qualquer Protestante, em virtude da sua missão divina, mudou o dia do

Sábado para o Domingo. Nós dizemos por virtude da sua missão divina, porque Aquele que se chamou a Si mesmo “o Senhor do Sábado”, dotou-a com o Seu próprio poder para ensinar, “aquele que vos ouvir, ouve-me a Mim”; ordenou que todos quantos creem n'Ele a ouçam, sob a penalidade de serem colocados com os “gentios e publicanos”; e prometeu estar com ela até ao fim do mundo. Ela possui as suas credenciais de instrutor recebidas d'Ele - credenciais tão infalíveis como perpétuas. O mundo Protestante no seu nascimento encontrou o Sábado cristão (Domingo) tão forte e firmemente estabelecido que não se opôs à sua existência; foi colocado, por conseguinte, sob a necessidade de aquiescer no arranjo, reconhecendo assim implicitamente o direito da Igreja em mudar o dia, por mais de trezentos anos. O Sábado cristão (Domingo) é, por conseguinte, até este dia, o filho reconhecido da Igreja Católica como esposa do Espírito Santo, sem uma palavra de protesto do mundo Protestante.

Demos agora, entretanto, uma olhadela à nossa segunda proposição, com a Bíblia unicamente como o instrutor e guia em questões de fé e moral. Este instrutor proíbe do modo mais enfático qualquer mudança no dia por razões de importância capital . O mandamento obriga a um “concerto perpétuo”. O dia que o instrutor ordena que seja guardado nunca foi uma única vez guardado, desenvolvendo-se, por conseguinte, uma apostasia a respeito de um princípio manifestamente fixo, apostasia essa autocontraditória, auto estulta e, consequentemente, tão suicida quanto está dentro do poder da linguagem expressar.

Nem estão atingidos ainda os limites da desmoralização. Longe disso. O seu pretexto para deixarem o seio da Igreja Católica foi por esta ter apostatado da verdade tal como é ensinada na palavra escrita. Eles adoptaram a palavra escrita como seu único instrutor, mas, assim como a adoptaram também a abandonaram prontamente, como estes artigos abundantemente o têm provado; e, por uma perversidade tão obstinada como errónea, aceitaram o ensino da Igreja Católica em oposição direta ao ensino claro, invariável e constante do seu único instrutor na doutrina mais

essencial da sua religião, dando, por conseguinte, ênfase a uma situação que pode ser designada apropriadamente de “ridícula, enganosa e ardilosa”.

[Nota dos editores: Foi sobre este mesmo ponto que a Reforma foi condenada pelo Concílio de Trento. Os Reformadores tinham constantemente acusado, como se afirma aqui, que a Igreja Católica tinha apostatado da verdade tal como está contida na palavra escrita. “A palavra escrita”, “A Bíblia e a Bíblia somente”, “Assim diz o Senhor”, estas eram as suas palavras de ordem constantes; e “A Escritura, como está na palavra escrita, o único padrão de recurso”, esta era a proclamada plataforma da Reforma e do Protestantismo. “A Escritura e a tradição”. “A Bíblia tal como é interpretada pela Igreja e de acordo com o consenso unânime dos Pais”, esta era a posição e reivindicação da Igreja Católica. Esta foi a principal questão no Concílio de Trento, que foi convocado especialmente para considerar as questões que tinham sido levantadas e trazidas à atenção da Europa pelos Reformadores. A primeira questão sobre fé que foi considerada pelo Concílio foi a questão de que tratam os artigos deste opúsculo. Havia um partido muito forte, mesmo entre os Católicos, dentro do Concílio que estava a favor de abandonara tradição e adoptar as Escrituras somente, como o padrão de autoridade. Este ponto de vista foi tão decididamente defendido nos debates do Concílio que os legados do papa escreveram-lhe, de facto, para o informar que “havia uma forte tendência para pôr de lado inteiramente a tradição e fazer das Escrituras o único padrão de recurso”. Mas fazer isto seria manifestamente dar um grande passo no sentido de justificar as afirmações dos Protestantes. Devido a esta crise desenvolveu-se na porção ultracatólica do Concílio a tarefa de convencer os outros que a “Escritura e a tradição” eram as únicas bases seguras sobre as quais se firmar. Se isto pudesse ser feito, o Concílio poderia ser levado a emitir um decreto condenando a Reforma, caso contrário não. A questão foi debatida dia após dia, até que o Concílio chegou claramente a um impasse. Finalmente, após um longo e intensivo desgaste mental, o arcebispo de Reggio apresentou-se perante o Concílio com, substancialmente, o argumento seguinte para o partido que mantinha a Escritura somente:

“Os Protestantes alegam apoiar-se sobre a palavra escrita somente. Eles professam manter a Escritura somente como padrão de fé. Eles justificam a sua revolta com a alegação de que a Igreja apostatou da palavra escrita e segue a tradição. Ora, a alegação dos Protestantes, de que eles permanecem sobre a palavra escrita somente, não é verdade. A sua profissão de fé de manterem a Escritura somente, como padrão de fé, é falsa. PROVA: A palavra escrita ordena explicitamente a observância do sétimo dia como sendo o Sábado. Eles não

observam o sétimo dia, antes o rejeitam. Se eles mantivessem, de facto, verdadeiramente a Escritura como seu padrão, eles deveriam estar a observar o sétimo dia tal como é ordenado em toda a Escritura. Todavia, eles não somente rejeitam a observância do Sábado ordenado na palavra escrita, como adoptaram e praticam, de facto, a observância do Domingo, para a qual possuem apenas a tradição da Igreja. Consequentemente, a alegação da 'Escritura somente como padrão', falha; e a doutrina da 'Escritura e a tradição' como essencial, é plenamente estabelecida, sendo os Protestantes, eles mesmos, os juizes.”

Não havia maneira de fugir a isto, pois a própria declaração de fé dos Protestantes - a Confissão de Augsburg, de 1530 - tinha claramente admitido que “a observância do dia do Senhor” (Domingo) fora ordenada pela “Igreja” somente.

O argumento foi saudado no Concílio como tendo imanado da Inspiração somente; o partido para “a Escritura somente” rendeu-se; e o Concílio, de imediato, condenou unanimemente o Protestantismo e toda a Reforma como sendo unicamente uma revolta injustificada de afastamento da comunhão e autoridade da Igreja Católica; e prosseguiu, em 8 de Abril de 1546, “na promulgação de dois decretos, o primeiro dos quais ordena, sob anátema, que a Escritura e a tradição devem ser recebidas e veneradas de igual modo, e que os livros deuterocanônicos (os apócrifos) são parte do cânone da Escritura. O segundo decreto declara a Vulgata como sendo a única e autêntica versão Latina padrão, e dá-lhe tal autoridade como a de suplantar os textos originais; proíbe a interpretação da Escritura contrária ao sentido recebido pela Igreja, 'ou até contrária ao consenso unânime dos Pais,'” etc.

Assim, foi a inconsistência da prática Protestante com a sua profissão de fé que deu à Igreja Católica terreno, longamente buscado e ansiosamente desejado, sobre o qual condenar o Protestantismo e todo o movimento de Reforma como sendo somente uma rebelião egoísta e ambiciosa contra a autoridade da Igreja. E nesta controvérsia vital a chave, a expressão principal e culminativa da inconsistência Protestante, esteve na rejeição do Sábado do Senhor, o sétimo dia ordenado nas Escrituras, e a adopção e observância do Domingo ordenado pela Igreja Católica.

E esta é hoje a posição dos partidos respectivos nesta controvérsia. Hoje, como este documento mostra, esta é a questão vital sobre a qual a Igreja Católica acusa publicamente o Protestantismo, e sobre a qual ela condena o curso do Protestantismo popular como sendo “indefensável, autocontraditório e suicida.” Que farão estes Protestantes e este Protestantismo?]

Caso algum dos reverendos pastores, que estão habituados a

vociferar tão ruidosamente sobre cada real ou pretensa profanação dessa piedosa fraude, o Sábado bíblico⁹, ache bem formular um protesto contra a nossa dissecação lógica e Escriturística do seu rafeiro de estimação, podemos prometer-lhes que qualquer tentativa razoável da sua parte para reunirem a disjecta membra do híbrido e restaurá-lo a uma galvanizada existência, será recebida com genuína cordialidade e respeitosa consideração da nossa parte.

Mas podemos assegurar aos nossos leitores que nós conhecemos esses reverendos vociferadores demasiado bem para esperar deles uma só ladradela a este respeito. E eles conhecem-nos muito bem para se sujeitarem à mortificação que uma ulterior dissecação desta questão anti-escriturística deveria necessariamente envolver. A sua política agora é “humilharem-se” e eles certamente a adoptarão.

Apêndice I

Estes artigos são reimpressos, e este opúsculo é enviado pelos editores, porque apresentam, de uma fonte incontestável e em tom claro e direto, a última fase da controvérsia sobre a observância do Domingo, que está agora, e que na verdade durante algum tempo tem sido, não só uma questão nacional nas nações principais, mas também uma questão internacional. Não que estejamos contentes que assim aconteça; desejaríamos que fosse bem diferente. Desejaríamos que os Protestantes, em toda a parte, fossem tão coerentes em profissão de fé e prática, que não houvesse qualquer possibilidade de as relações entre eles e Roma alguma vez tomarem a forma que agora tomaram.

Mas a situação neste assunto é atualmente a que acabámos de expor. Não há que fugir a este facto. Torna-se, portanto, o dever da Associação Internacional de Liberdade Religiosa tornar conhecido tão amplamente quanto possível a verdadeira fase desta grande questão como agora se apresenta. Não porque estejamos contentes com isso, mas porque a situação é essa, independentemente de nós ou qualquer outra pessoa gostarmos ou não.

É verdade que esperamos há anos que esta questão assuma precisamente o cariz que agora assumiu, e que está tão claramente apresentado neste opúsculo. Temos dito repetidamente ao povo, e especialmente aos Protestantes, e ainda mais especialmente àqueles que advogam as leis dominicais e o reconhecimento e estabelecimento legal do Domingo pelos Estados Unidos da América, que no curso que estava a ser seguido eles se estavam a entregar diretamente nas mãos de Roma, e que tão certo quanto fossem bem sucedidos, seriam inevitavelmente desafiados por Roma, e Roma na posse de poder também, para lhe apresentar a razão por que o Domingo deve ser guardado. Há anos que dizemos ao povo que isso iria, certamente, acontecer. E agora que aconteceu, o nosso único dever é torná-lo conhecido tão amplamente quanto nos seja possível

fazê-lo.

Pode perguntar-se: Porque não se manifestou Roma antes tão ousadamente como o fez agora? Porque esperou ela tanto tempo? Não era do seu interesse fazê-lo antes. Quando tivesse que agir, queria fazê-lo com poder, e isso ela ainda não tinha como agora tem. Mas, nos seus esforços tenazes para o reconhecimento e estabelecimento nacional e governamental do Domingo, os Protestantes dos Estados Unidos da América fizeram mais por Roma do que ela poderia ter feito por si mesma no sentido de obter poder governamental nas suas mãos. Isto ela sabia-o bem, e por conseguinte apenas esperou. E agora que os Protestantes, em aliança com ela, concretizaram esta coisa terrível, ela ergue-se, de imediato, com toda a sua arrogância original e velho espírito, e desafia os Protestantes a responderem-lhe porque guardam o Domingo. Ela também faz isto porque está segura no poder que os Protestantes tão cegamente lhe colocaram nas mãos. Por outras palavras, o poder que os Protestantes assim lhe colocaram nas mãos, ela usará agora para a destruição deles. Precisa-se de mais alguma evidência para se mostrar que o *Catholic Mirror* (que representa o Cardeal e a Igreja Católica na América) tem estado à espera disto, do que a que é fornecida na página 24 deste opúsculo? Por favor volte atrás e leia de novo essa página, e veja essa citação tirada do jornal New York Herald de 1874, e que agora é apresentada desta maneira. Não mostra isto claramente que essa declaração dos Bispos Metodistas foi guardada pelo *Mirror*, durante estes 19 anos, para um tempo exatamente como este? E mais do que isto, os Protestantes descobrirão mais coisas como esta que têm estado assim a ser acumuladas, e que ainda serão utilizadas de uma maneira tal que os surpreenderá e confundirá.

Presentemente, esta é uma controvérsia entre a Igreja Católica e os Protestantes. Apenas como tal reproduzimos estes editoriais do *Catholic Mirror*. Os pontos controvertidos são pontos que os Protestantes reivindicam a seu favor. O argumento é obra da Igreja Católica; a resposta pertence aos Protestantes que observam o

Domingo, não a nós. Podemos verdadeiramente dizer: “Isto não nos diz respeito.” Se eles não responderem, ela fará do seu silêncio a confissão deles de que ela está certa e agirá para com eles de acordo com isso. Se eles efetivamente responderem, ela usará contra eles as suas próprias palavras, e, segundo as circunstâncias o exigirem, o poder que eles colocaram nas suas mãos. De modo que, no que lhe diz respeito, quer os Protestantes respondam quer não, para ela o resultado é o mesmo. E a maneira como ela olha para eles, e o espírito com que ela se propõe lidar com eles no futuro, está claramente manifesto no desafio feito no último parágrafo dos artigos reimpressos.

Resta apenas um único refúgio para os Protestantes. E esse refúgio é apoiarem-se firme e completamente sobre “a palavra escrita somente”, “a Bíblia e a Bíblia somente”, e portanto sobre o Sábado do Senhor. Deste modo, não reconhecendo outra autoridade senão a de Deus, não usando nenhum outro sinal senão o Seu (Ezequiel 20:12, 20), obedecendo ao Seu mandamento e escudados pelo Seu poder, eles obterão a vitória sobre Roma e todas as suas alianças e estarão sobre o mar de vidro, empunhando as harpas de Deus, com as quais o seu triunfo será para sempre celebrado. (Apocalipse 18 e 15:2-4).

Ainda não é tarde demais para os Protestantes se redimirem. Fá-lo-ão eles? Firmar-se-ão consistentemente sobre a profissão da fé Protestante? ou continuarão eles ainda a ocupar a posição “indefensável, autocontraditória e suicida” de professarem ser Protestantes, permanecendo, no entanto, em terreno Católico, recebendo insultos Católicos e suportando condenação Católica? Tomarão eles, de verdade, a palavra escrita somente, a Escritura unicamente, como a sua única autoridade e a sua única norma? ou continuarão eles a manter a doutrina e prática “indefensável, autocontraditória e suicida” de seguirem a autoridade da Igreja Católica e de usarem o sinal da sua autoridade? Guardarão eles o Sábado do Senhor, o sétimo dia, de acordo com a Escritura? ou guardarão eles o Domingo de acordo com a tradição da Igreja

Católica?

Caro leitor, o que fará você?

Apêndice II

Desde que a primeira edição desta publicação foi impressa, apareceu o seguinte editorial no *Catholic Mirror* em 23 de Dezembro de 1893:

“A avidez com que estes editoriais foram procurados e o aparecimento da reimpressão feita pela Associação Internacional de Liberdade Religiosa, publicada em Chicago, intitulada: 'O Desafio de Roma: Porque Guardam os Protestantes o Domingo?' e colocada à venda em Chicago, Nova Iorque, Califórnia, Tennessee, Londres, Austrália, Cidade do Cabo, África, e Ontário, Canadá, juntamente com os pedidos contínuos, levaram o *Mirror* a dar-lhes forma permanente e assim satisfazer a procura.

“As páginas desta brochura revelam ao leitor uma das mais flagrantes contradições concebíveis que existe entre a prática e a teoria do mundo Protestante, e insusceptível de qualquer solução racional, reivindicando a teoria de a Bíblia como único instrutor, a qual inequivocamente e do modo mais positivo ordena que o Sábado (o sétimo dia) seja 'santificado', enquanto que a prática deles prova que eles ignoram completamente os requisitos inequívocos do seu instrutor, a Bíblia, e ocupam terreno Católico há três séculos e meio. Pelo abandono da sua teoria, eles permanecem perante o mundo hoje como representantes de um sistema o mais indefensável, autocontraditório e suicida que pode ser imaginado.

Sentimos que não podemos interessar mais os nossos leitores do que reproduzir o 'Apêndice'⁹ que a Associação Internacional de Liberdade Religiosa, uma organização ultra Protestante, acrescentou à reimpressão dos nossos artigos. A leitura cuidadosa do Apêndice confirmará o facto de que o nosso argumento é irrespondível e que o único recurso que resta aos Protestantes é retirarem-se do território

Católico onde têm permanecido ilicitamente durante três séculos e meio, e, aceitando o seu único instrutor, a Bíblia, de boa fé, como é tão claramente sugerido pelo autor do' Apêndice', comecem a guardar daqui para a frente o Sábado, o dia ordenado pela Bíblia do Génesis ao Apocalipse; ou então, abandonando a Bíblia como seu único instrutor, deixarem de ser profanadores de terreno alheio e uma contradição viva dos seus próprios princípios, e, obtendo cartas de adopção como cidadãos do reino de Cristo aqui na terra - a Sua Igreja - não mais continuarem a ser vítimas de autoengano e conseqüente auto-contradição.

“Os argumentos contidos neste panfleto estão firmemente baseados na Palavra de Deus, e tendo sido estudados cuidadosamente com a Bíblia na mão, não deixam escape algum para o Protestante consciencioso a não ser o abandono da santificação do Domingo e o regresso ao Sábado, ordenado pelo seu instrutor, a Bíblia, ou, não desejando abandonar a tradição da Igreja Católica, que ordena a guarda do Domingo, e que eles aceitaram em oposição direta ao seu instrutor, a Bíblia, aceitá-la consistentemente em todos os seus ensinos. A razão e o bom senso requerem a aceitação de uma ou de outra destas alternativas: ou o Protestantismo e a santificação do Sábado (sétimo dia), ou o Catolicismo e a guarda do Domingo. O compromisso é impossível.